



Universiteit  
Leiden  
The Netherlands

## Juventude, emprego e migração: oportunidades urbanas com um foco na África

Dietz, A.J.

### Citation

Dietz, A. J. (2018). Juventude, emprego e migração: oportunidades urbanas com um foco na África. *Revista De Agricultura Urbana*, (35), 3-5. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/83477>

Version: Publisher's Version

License: [Leiden University Non-exclusive license](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/83477>

**Note:** To cite this publication please use the final published version (if applicable).

## Juventude, emprego e migração: oportunidades urbanas com um foco na África

Ton Dietz

Demograficamente, a África tornou-se a grande exceção. Numa escala continental, a Ásia, a Oceania e a América Latina – igualmente à Europa e à América do Norte antes delas – alcançaram a estabilidade demográfica entre 2000 e 2015. As taxas médias de fertilidade nesses continentes mergulharam de cinco a seis crianças por mulher nos anos 1960s para cerca de duas nos anos recentes, e na Europa essa taxa é consideravelmente menor. A África também está experimentando um processo de transição demográfica, mais ainda existem grandes diferenças: o continente começou com uma taxa muito alta (mais de sete crianças por mulher nas décadas de 1960 e 1970), e o ritmo dessa redução é muito menor do que, por exemplo, na Ásia. Atualmente, as taxas de fertilidade na África com um todo ainda giram em mais de quatro crianças por mulher, e os demógrafos da ONU acreditam que o continente não alcançará a estabilidade demográfica antes de 2100.

Numa escala global, as consequências parecem óbvias: o peso demográfico da África vai aumentar notavelmente (para cerca de 40% da população mundial em 2100), conforme sua população cresce dos atuais 1,3 bilhões de pessoas para aproximadamente quatro bilhões no final do primeiro século do terceiro milênio. A população africana é e permanecerá bastante jovem.

*O projeto CityVeg apoia a venda direta pelos jovens produtores em Accra. Foto: IWMI*



A idade média será de 20 anos pelos próximos anos, e haverá uma mudança gradual de uma pirâmide demográfica (com uma ampla base) para uma composição populacional na qual o segmento de 15 a 35anos será predominar, embora isso não deva ocorrer antes de 2050. Grandes diferenças naturalmente estão presentes na África: por exemplo, a África do Sul, o norte da África e, mais recentemente, o Quênia, já alcançaram a estabilidade demográfica ou estão prestes a alcançá-la, enquanto que as taxas mais altas de fertilidade estão num cinturão que vai do Mali (via Níver) e o norte da Nigéria até a África central e a Etiópia.

Existe uma forte correlação entre as altas taxas de fertilidade e a pouca participação das mulheres na educação, e entre as taxas de menor urbanização e as de maior fertilidade. Desde aproximadamente o ano 2000, a África experimentou três “revoluções” adicionais (como aquelas ocorridas em outras partes do mundo): crescimento econômico relativamente rápido (em alguns anos esse crescimento na África como um todo foi até mais alto do que na Ásia como um todo), aumento relativamente grande da participação das populações na educação e num sistema de saúde mais eficiente (processo estimulado em parte pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio) e, atualmente, o rápido aumento no uso de celulares bem como na utilização da internet.

Como resultado, as aspirações dos jovens têm crescido, e muitos jovens africanos rurais frequentaram escolas urbanizadas (perto ou longe de suas casas) e estão tentando conseguir empregos nas cidades em rápido processo de expansão. A expansão urbana, em termos absolutos e relativos tem sido impressionante e, em breve, a população urbana na África será maior do que a rural. Em 1960, o continente tinha uma taxa de urbanização de 20%, com 65 milhões de pessoas vivendo em cidades. Atualmente, a taxa de urbanização já atinge entre 40 e 45%, com cerca de 500 milhões de habitantes urbanos, e prevê-se que eles superarão 1,2 bilhão em 2050. As populações urbanas precisam de alimentos, habitação, água, energia, vestuário e muitas outras coisas.

Já ficou claro que as áreas urbanizadas no interior dos países estão sendo revolucionadas para deixarem de ser economias agrícolas autossuficientes, com enclaves de mineração e de agricultura para exportação para o mercado mundial (enfrentando uma mudança recente, com o novo interesse da Europa e da América do Norte pela Ásia), e se tornarem áreas de produção comercial de uma série de produtos e serviços demandados pela população urbana.

Embora o abastecimento rural para a demanda urbana seja principalmente um assunto intranacional, a crescimento das áreas urbanizadas pode alcançar os países vizinhos; em algumas regiões, as áreas urbanizadas estão se tornando megacidades, com algumas cruzando fronteiras. A conurbação Kinshasa-Brazzaville concentra atualmente mais de 13 milhões de pessoas. Lagos, já com mais de 20 milhões de habitantes, está se tornando parte de um grande cinturão urbanizado na costa atlântica africana, de Abidjan até Lagos, onde deverá haver mais de 150 milhões de pessoas por volta de 2050.

Os jovens africanos estão se mudando. Aspirações crescentes combinam-se a maiores capacidades (individualmente e como um resultado dos investimentos das famílias) e estimulam a migração do campo para as pequenas, médias e imensas cidades. Os jovens também se movem dentro das cidades, tentando escapar dos bairros mais precários e arriscados e se mudarem para ambientes mais organizados e bem protegidos. Com maiores recursos financeiros, conforme revelam os dados sobre migração internacional, a porcentagem de africanos migrando para fora do país está aumentando, e cerca de metade deles indo para países vizinhos e os demais para destinos mais longínquos. Dentro da África, é notável a migração em direção da África do Sul. A migração intercontinental tem aumentado, sendo a Europa o destino preferido, embora a Ásia venha ganhando importância como destino dos emigrantes africanos. Atualmente, a migração intercontinental a partir da África como um todo está na faixa de 1% de sua população por ano. Com o aumento da riqueza, essa taxa poderá crescer e alcançar a média de migrações intercontinentais: entre dois e três por cento. Em números absolutos, é uma mudança de 12 milhões de africanos que migram anualmente para mais de 50 milhões em 2050. Em termos relativos, porém, a migração da juventude no interior do continente africano é e permanecerá sendo muito mais significativa.

Embora a migração de jovens em suas várias formas coloque muitos desafios, provou ter também várias vantagens. Os imigrantes investem em seus novos ambientes, e trazem consigo muitas ideias novas. Por todos os lados estamos vendo a hibridização de estilos de vida, padrões de consumo e novas iniciativas de produção e serviços. Os migrantes também influenciam suas áreas de origem, rurais ou urbanas, e investem nas oportunidades que veem em suas “terras natais”, em agricultura, serviços ou indústrias nos pequenos centros urbanos perto das áreas rurais de onde provêm. Para muitos, a agricultura urbana e periurbana é uma atividade que vale a pena tentar, em suas regiões natais bem como no novo ambiente urbano. Essa forma de agricultura pode ser feita para consumo doméstico das famílias, mas também como empreendimento mais comercial, particularmente com produtos de maior valor, como frangos, ovos, leite, carne e muitos tipos de hortaliças e frutas.

Alguns desses produtos também abastecem os setores agroindustrial e de agro-serviços, oferecendo oportunidades para empreendedores e trabalhadores jovens e mais velhos. Os supermercados, as lojas de conveniência, os restaurantes e lanchonetes de *fast-food*, os bares que servem refeições, aumentam em número nas cidades africanas, e oferecem muitas oportunidades de emprego, renda e empreendedorismo, inclusive para as mulheres.

Os aspectos negativos também são visíveis, e em muitas cidades a obesidade torna-se um problema de saúde mais sério do que a fome. E mesmo com o aumento notável da oferta de empregos urbanos para os jovens africanos, o número de quem procura ocupação e renda (e uma vida melhor) está aumentando tão rapidamente que a criação de postos de trabalho urbano jamais será suficiente.

Essa situação continuará estimulando muitos jovens africanos a irem tentar a sorte em outro país, mesmo que faltem a muitos deles os meios financeiros e sociais para fazê-lo efetivamente. Some-se a isso os prováveis efeitos diretos e indiretos da mudança climática....



Ton Dietz  
African Studies Centre Leiden  
[a.j.dietz@asc.leidenuniv.nl](mailto:a.j.dietz@asc.leidenuniv.nl)

### Sugestão para novas leituras

[Africa in the 21st century](#)

[Africa population dynamics](#)

[Africa: international migration, emigration 2015](#)

[Africa's international trade 2001-2016: boom and bust](#)

[Agricultural consumption and production, 1961-2009](#)